

## **Casotas para pobres e Palacetes para Ricos?**

*Semanário Angolense*

*De 10 a 17 de Janeiro de 2009*

Dolorosamente, não sabendo ainda com que cores me pintar para conseguir casa própria num projecto habitacional do Estado da qualidade dum «Nova Vida», o máximo que logrei foi ser «contemplado» em finais de 2008 com uma casota inacabada de baixíssima renda na 2ª fase do Panguila, onde não há luz, nem água, nem esgotos, enfim, ainda sem as necessárias condições para se viver com alguma dignidade. Falando verdade, aquilo não é para se entregar como estando pronto para se viver. É complicado e ultrajante. (Ainda assim, agradeço sinceramente a quem me proporcionou isso). Aliás, para se chegar lá, há que se torrar uns 50 mil dólares, que não os tenho já. Em consequência, apesar de já estar «entradinho», continuo com o problema de habitação por resolver, pelo que a minha principal aspiração para 2009 é conseguir a almejada e justa casa própria. Assim sendo, faço votos para que a história do milhão de casas possa já começar a sentir-se na vida dos milhares de cidadãos que, como eu, têm esta grande maka por resolver. E um desses bonitos apartamentos que dizem haver no Zango até já dava um jeito.

Rectas e já?

Como milhares de cidadãos deste país, pretendo que as eleições presidenciais sejam realizadas este ano, tal como já nos deixaram expectantes. E gostava imenso que elas fossem directas, por ser dignificante e gratificante sentir que participamos – directamente – na escolha de quem vá mandar em nós, o que já não acontecerá se forem os deputados a fazê-lo, uma vez que a sua própria eleição, por ser em listas partidárias e não em figuras individuais, já é algo indirecta. Portanto, na passada, apelaria até a quem terá a responsabilidade final na escolha do sistema a adoptar a esquecer a (maldita) conversa da eleição presidencial indirecta.

E como fica a divisão da riqueza?

Gostava que as riquezas nacionais passassem a ser melhor repartidas, de formas que se comesçassem a esbater já as enormes diferenças entre uns «poucos» que têm tudo e muitos «muitos» que têm quase nada. Em substância, que hajam oportunidades iguais, melhores salários, mais empregos, mais escolas, mais hospitais, enfim, melhor nível de vida. O país pode dar isso aos seus filhos. Que o petróleo suba e a gestão da coisa pública melhore!